

VII SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
AT 117: Vozes da literatura e da leitura: das margens que se tornam
bordas

O LEITOR EM MINÚCIAS DESCRITIVAS: ASPECTOS DIALÓGICOS DE
FORMAÇÃO

MELO, Keila Matida
Universidade Federal de Goiás
E-mail: keilamatida@gmail.com

Resumo: Este estudo tem como objetivo apresentar aspectos da formação do leitor que ingressa na universidade pública. Leituras feitas, mediadores de leitura, acesso a espaços formais permitem um debruçar sobre a compreensão de um sujeito-leitor que se constitui num percurso histórico e, portanto, ideológico, identitário. Os sujeitos da pesquisa são alunos do primeiro período do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Os dados para análise foram colhidos no primeiro semestre de 2018 a partir de memoriais de leitura. Como fundamentação teórica, o estudo embasou-se em autores que discutem a história do livro e da leitura. Como resultado, foi possível constatar histórias que coadunam, que reafirmam e asseguram a leitura como prática herdada no ambiente familiar, asseguram o papel do mediador, os espaços formais de leitura, apesar da precariedade. A leitura decorrente de reminiscência apresenta dimensão formativa ao semear sonhos e tonificar, como enfrentamento, modos de ver e de perceber o mundo.

Palavras-chave: Leitura. Leitor. Livro. Memória.

Abstract: Abstract: This study aims to present aspects of the training of the reader who enters the public university. Reading, reading mediators, access to formal spaces allow us to focus on the understanding of a subject-reader that constitutes a historical and, therefore, ideological, identity path. The research subjects are students of the first period of the Pedagogy course of the Faculty of Education of the Federal University of Goiás. The data for analysis were collected in the first half of 2018 from reading memorials. As a theoretical foundation, the study was based on authors who discuss the history of the book and reading. As a result, it was possible to see stories that fit, that reaffirm and ensure reading as an inherited practice in the family environment, ensure the role of the mediator, the formal spaces for reading, despite the eventual precariousness. The reading resulting from reminiscence presents a formative dimension as it nourishes dreams and tones, as a confrontation, ways of seeing and perceiving the world..

Keywords: Reading. Reader. Book. Memory.

Este estudo tem como objetivo conhecer aspectos da formação do leitor que ingressa na universidade, especificamente no Curso de Pedagogia. Para isso, foram analisados 35 memoriais de leitura. Destes, apenas sete farão parte deste estudo. A escolha desse recorte se deu em razão de as produções abordarem duas dimensões formativas: a questão da mediação do ato de ler no âmbito familiar e a discussão sobre espaços de leitura, como bibliotecas e livrarias. O texto, desse modo, seguirá esse percurso.

1. Práticas de leitura como cultura “familiar” herdada

Histórias de leitura e de leitores, suas relações com livros, potencializam o imaginário de uma sociedade marcada pelas letras. Histórias de amantes de livros e de leitura cujo limiar ocorreu na infância podem ser descritos nos relatos de Simone de Beauvoir, Jean Paul Sartre, ou mesmo de brasileiros como o bibliófilo José Midlin e a escritora Ana Maria Machado. Em alguns dos casos citados, o avó, o pai ou mãe foram mediadores desse processo. A leitura em voz alta ocorria no ambiente familiar burguês pobre de Simone de Beauvoir; o pai, leitor apaixonado, lia para a esposa e as filhas os grandes clássicos. Era ele o selecionador de obras, organizada em formato de pequena antologia “sob capa de delicado fustão negro” (BEAUVOIR apud POMPAUGNAC, 1997, p. 21). Aos poucos, dessa leitura monitorada pelo pai a leitura subversiva vai alterando rotas e definindo escolhas não propriamente permitidas, como analisa Pompaugnac (1997).

Já em Sartre, a história é revivida pelo ambiente familiar burguês culto em que livros são peças de mobiliário. A relação quase que litúrgica com eles, objeto de culto pelo avô-escritor, faz do filósofo um amante da leitura, num desejo incessante de viver entre eles, destaca Pompaugnac (1997). A relação amorosa com livros pelo desejo de viver e morrer entre livros é também narrada por Midlin (1997), leitor incansável, indisciplinado, que lê e desde a infância. Ana Maria Machado (2001, p. 183) também retrata uma formação marcada pela cultura herdada familiar em que havia livro por toda a parte, “não porque fossem economicamente privilegiados. Mas porque não concebiam que

se pudessem viver sem ler”. Relações assim se prolongam pela memória de outras leituras, recuperando dizeres sobre livros e leituras:

Desde muito pequeno sempre fascinado por leituras literárias graças a minha mãe que envolvia eu e minha irmã mais velha com contos [de fadas]. Ela nos contava várias vezes as mesmas histórias. Meu padrasto também amava compartilhar histórias que ouvia de seus pais que viviam na roça. Em grande parte eram histórias arrepiantes. (P. N., 2018).

A leitura compartilhada de clássicos universais coaduna com leituras folclóricas. Todas elas fomentam o imaginário formativo que transita entre saberes letrados e saberes populares. O imbricamento de tais saberes elimina fronteiras apontando a importância de leituras autorizadas ou não para a formação do leitor. No entanto, o rito familiar nem sempre é percebido pelo leitor que a isso justifica, quer de um modo, quer de outro, assegurando a não oportunidade de se relacionar com livros na infância, “talvez pela herança familiar marcada pela desvalorização dos livros na rotina familiar. Talvez por condições financeiras e por falta de acesso às bibliotecas e livrarias” (J.C., 2018). No entanto, a leitora relata :

Antes da escola, minha mãe me ensinava a contar de modo que ela falava e eu repetia. [...] Podia fazer do chão o meu caderno, riscava meu primeiro nome, mas logo apagava porque mamãe sempre dizia que não pode deixar nome escrito pelo chão [...] Quando comecei a frequentar a escola, em 2006, fui morar com minha tia e suas três filhas. A mais velha, que já conseguia ler e escrever me incentivava e me ajudava a entender o que estava por trás daquelas imagens bonitas e tão instigantes. Ela lia em voz alta fábulas famosas [...]. Por meio dessa historinha, tão admirada por mim, comecei minha experiência com a leitura e a escrita (J. C., 2018).

Diferentemente de famílias cujo acesso ao livro é permitido, o excerto acima denuncia ausência de recursos para a formação do leitor: acesso a livros, a bibliotecas e livrarias. Para Abreu (2001, p. 157), uma sociedade democrática e justa precisa garantir, no âmbito cultural, a alfabetização, a existência de escolas e bibliotecas com qualidade. Precisa, nesse sentido, assegurar condições materiais para ser leitor. É dever do Estado a distribuição

de livros, a criação e o abastamento de bibliotecas e de outros espaços formativos. No caso em questão, mesmo sem acesso a livros, a preocupação da mãe com o aprendizado da filha se mostra. Na ausência de recursos, o chão era o caderno entendido como amparo a um registro de permanência momentânea, já que “não se pode deixar nome escrito no chão”. Parcos recursos e formação aparentemente em migalhas também são percebidos por M. E.:

A leitura não esteve presente na minha infância. Uma criança negra, pobre e afeminada, que morava na periferia da cidade, um local sem acesso à educação e à cultura. Vindo de uma família de classe trabalhadora, não muito escolarizada e sem apreço à leitura, mas que mesmo assim, nessas condições, tinha incentivo dos pais para com a leitura. (M.E., 2018).

Apesar da falta, da pouca escolarização, da descrição que bem traduz aspectos de famílias economicamente desfavorecidas no Brasil, marginalizadas, a leitura é incentivada, o ingresso e a permanência na escola são garantidos, já que o leitor alcança a universidade. Há, portanto, uma preocupação com o saber. Necessário destacar também que a leitura é incentivada por outros mediadores, não simplesmente pelos pais, pois, como expos J.C., foi na relação com uma prima em processo de escolarização que o ato de ler foi realmente compreendido, ler em voz alta como partilha revelava o pontapé inicial para uma formação que não ocorreu de modo solitário.

No ambiente familiar, pela mediação não de pais, mas de tias ou mesmo de amigos, horizontes puderam ser descortinados como nos relatos de M.A. e de T.B. No primeiro caso, foi na casa da tia que a estudante, quando criança, teve acesso aos gibis da Turma da Mônica que ficava numa “cesta enorme”. Esse primeiro contato com a leitura fez com que a mãe comprasse livros, sobretudo contos de fadas, “[...] Mas o meu preferido foi *O pequeno príncipe*, não simplesmente pela história, mas por ser o livro favorito da minha mãe, e cada vez que eu o lia era como se um pedacinho dela entrasse dentro de mim. Esse era um laço que nos unia – o amor por aquele príncipezinho” (M. A.,

2018). Já, no relato de T.B. livros em casa eram apenas para fins didáticos, mas foi uma amiga da família quem apresentou ao leitor o desejo por ler “Lembro-me da primeira vez que fui a casa dela, ela tinha uma estante cheia de livros e também havia uma caixa cheias deles. Foi algo tão impressionante, eu nunca havia visto tantos livros e conhecido alguém que pudesse ler tanto” (T. B., 2018).

2. Formação e espaços: diálogos necessários

Se a quantidade de livros causa impacto no leitor, assombrando sentidos que atam leitura a essa posse, estar na biblioteca pode ser o caminho do encontro, do diálogo cultural necessário para melhor entendimento de si, do outro e do mundo. Por isso, a leitura na biblioteca escolar, ao mesmo tempo que supõe fuga da voracidade da vida, é espaço de encontro para posterior partilha:

Minha experiência com leitura começou com revistas de assuntos científicos que eram disponibilizadas na biblioteca da escola, em Goiânia, onde fiz a quinta e sexta série [...] Passar o tempo na biblioteca lendo era aconchegante, me desprendia do mundo ao redor, da ansiedade e da timidez (no começo ir à biblioteca e ler era um meio de não ter que conversar, porém ler me despertou vontade de compartilhar, descobrindo assuntos novos; através daquelas leituras comecei a falar sobre eles com meus amigos e amenizar um pouco da timidez). (L.A., 2018).

A leitura na biblioteca permitiu enfrentamento do mundo. Assuntos contidos em livros impulsionaram o encontro, que inclusive já ocorria pela própria leitura, já que a biblioteca é um espaço linguístico-discursivo onde orbitam sentidos, cabendo ao leitor na relação com o texto revisitá-los e ressignificá-los. Desse diálogo inicial com o texto, a exposição do leitor, agora guardado por leituras, permitiu-lhe enfrentamentos. A bibliotecária também é parte desse processo de revisitação do passado:

A bibliotecária da escola precária e de difícil acesso tinha um enorme amor pelas poucas obras que ali tinha. Ali era o local que eu ficava. Onde eu comecei a ter grande apego pela biblioteca e os livros de literatura infantil. Amava me sentar e

ouvir ela ler sobre os contos de fadas [...] e algumas fábulas infantis populares. A partir do amor dela pelos livros, ela começou a me introduzir nesse universo de leitura [...] sempre pegava empréstimos de contos de fadas que contavam a história de meninas pobres e excluídas que buscavam a felicidade em forma de amor, idealizavam uma vida perfeita ao lado de um príncipe. (M. E. , 2018).

Apesar da escassez, do desprovimento, é possível compreender o atributo afetivo e acolhedor da bibliotecária. Foi ela quem, além de aproximar leitor do livro, fomentou nele o desejo do encontro, da identificação, da utopia. Livros clássicos que falavam também de pobreza e da exclusão, mas falavam ainda de amor, de idealizações traduzem leituras que, de algum modo, foram sustentáculo para entendimento da vida, não como percurso individual, mas coletivo, ao expor que dilemas humanos independem de tempo e de cultura. Característica que bem define a literatura (LLOSA, 2004). Todavia, problemas ainda esboçam o estado da biblioteca escolar, exigindo que o leitor saia à caça de livros porque se a escola não incentivava a leitura, restava ao aluno curioso “[...] procurar por conta própria um livro interessante no meio da bagunça da biblioteca escolar. O mesmo caso sempre se repetiu durante três escolhas na qual estudei no ensino fundamental, todas em Goiânia” (P.N., 2018).

Enquanto uns lamentam o papel não cumprido da escola de incentivo à leitura, outros retratam projetos de acesso a livros:

Em Goiânia, durante os meus primeiros anos na escola [...] tínhamos um projeto no qual toda semana poderíamos escolher um livro da pequena biblioteca que a própria sala havia montado. Pegávamos o livro toda sexta-feira e na segunda-feira nós nos reuníamos em um círculo para discutir a história de cada um. Nesse processo, eu me deparei diversas vezes tendo a curiosidade aguçada mediante a explicação de algum colega meu de determinado livro, eu esperava ansiosamente a sexta-feira para poder escolher um livro novo. (M. V., 2018).

Novamente a leitura compartilhada, o dizer sobre livros, a liberdade de escolhas na pequena biblioteca montada em sala de aula sintetiza um fazer necessário à formação de leitores. Na ausência de bibliotecas escolares, a

estratégia é organizar os livros em sala, mesmo que em armários. A surpresa em relação ao que poderia compor esse armário, trancado a cadeado, se deu porque ali, ao contrário das esperadas guloseimas, havia “livros e que teríamos a chance de junto com nossos colegas nos aventurarmos pelos diferentes mundo imagináveis dos livros infantis: *Turma da Mônica*, *Contos maravilhosos*, *Monteiro Lobato*, a coleção *Gato e rato*, *Contos da Rua Brocó* e os temíveis *Contos folclóricos*” (J. C., 2018). Histórias inúmeras e, até assombrosas, passariam, então, a nutrir o desejo mais que as guloseimas.

Não apenas bibliotecas foram citadas pelos leitores, mas livrarias, sebos. Nesses espaços, o alcance do livro como posse poderia efetivamente ocorrer em função do preço. A surpresa ao conhecer um espaço até então desconhecido aparece nos memoriais:

Foi a tia Rose que me levou pela primeira vez em uma livraria, e se tinha ficado maravilhada com a quantidade de livros dela, na livraria estava totalmente admirada, ia de um lado para o outro, ouvia ela me apresentar as sessões de livros: infantis, romances, contos...estava emocionada, era um ambiente novo e diferente de tudo que conhecia (T. B., 2018).

Foi na livraria que o leitor compreendeu a grandeza desse espaço, que à semelhança da biblioteca, é marcado por estantes longitudinais repleta de dizeres inscritos em livros. É assim que Borges (2001, p. 92-93) ilustra a biblioteca como o próprio universo, com estantes infinitas e em cada estante uma numerosa quantidade de livros, “cada livro é de quatrocentas e dez páginas; cada página, de quarenta linhas; cada linha, de uma oitenta letras de cor preta [...]”. A extensão e o desdobramento desse espaço faz dela infinita. Bibliotecas, livrarias e sebos marcam as andanças dos leitores de espaços privados, antes familiares, a públicos, como ilustra M.A (2018) quando afirma que adorava percorrer livrarias para ler sinopse de livros e admirar capas. Desse tempo, “O lugar que tem lugar especial no meu coração é a Rua 10, no centro de Goiânia. Lá existem vários sebos [...] e vários livros com preços baratos e muito bem conservados” (M. A., 2018). Nesses espaços, a gratuidade da leitura ocorria por partes, pela sinopse, pela admiração de capas

de livros, mas também, com certeza, pela simbiose entre outros tantos sentidos aguçados pela materialidade livresca. Não sem razão, livrarias e sebos ocupam lugar especial no coração e no centro da cidade de Goiânia.

Considerações finais

Falar sobre leitura e livros é estabelecer um diálogo temporal de recorrência a outras tantas histórias e memórias. Cada qual a sua maneira, elas fortalecem o coro de voz que traduz a importância do ato de ler, quer texto, quer mundo, na compreensão do leitor como sujeito em formação. Uma formação que não ocorre de modo isolado, o papel dos mediadores flagra uma aproximação fundamental e necessária ao encontro. A experiência da mediação prolonga práticas formativas e os espaços formais de leitura são essenciais nesse processo. A leitura como lugar de memória e de história tonifica e amplia sonhos porque ali encontros ressignificam modos de ver, de pensar e de enfrentar o mundo. Aspecto dialógico fundamental de um caminhar formativo.

Referências

- ABREU, M. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, M. (Org.). **Ler e navegar**. Campinas: Mercado das Letras: ALB, 2001.
- BORGES, J. L. **Ficções**. Trad. Carlos Nejar. 3. ed. São Paulo: Globo, 2001.
- LLOSA, M. V. **A verdade das mentiras**. São Paulo: Arx, 2004.
- MACHADO, A. M **Texturas**: sobre leitura e escritos. RJ: Nova Fronteira, 2001.
- MINDLIN, J. **Uma vida entre livros**. SP: Ed. USP, 1997.
- POMPOUGNAC, J. Relatos de aprendizado. In: FRAISSE, E.; POMPOUGNAC, J.; POULAIN, M. **Representações de leitura**. São Paulo: Editora Ática, 1997.